

## Jovens e consumo de conteúdos escolares em plataformas digitais<sup>1</sup>

Sérgio Luiz Alves da Rocha<sup>2</sup>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ

Patrícia Oliveira de Freitas<sup>3</sup>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

### Resumo

Este trabalho apresenta algumas reflexões a partir de dados produzidos pelo Projeto “Juventude e Consumo de Conteúdo Digital: Reflexões sobre alguns Conteúdos Acessados pelas(as) Alunos(as)”, Realizamos um levantamento dos sites e plataformas que disponibilizam conteúdos escolares no formato de vídeo aulas acessados pelos estudantes de uma escola pública de ensino médio do Rio de Janeiro. Analisamos também as características de algumas videoaulas dos sites mais citados pelos alunos. Nas falas dos alunos chama atenção a centralidade da escola na motivação para este acesso, que adquire assim um caráter complementar em relação aos conteúdos presenciais. Em relação às videoaulas foi possível perceber que estas são elaboradas em um formato que se assemelha muito das aulas presenciais.

**Palavras-chave:** Escola; Jovens; Plataformas e Sites Educativos; Vídeoaulas

### Introdução

O presente texto tem o objetivo de apresentar algumas reflexões relacionadas à pesquisa “Juventude e Consumo de Conteúdo Digital: Reflexões sobre alguns Conteúdos Acessados pelas(as) Alunos(as)”, realizada entre 2019 e 2020, em uma escola pública de ensino médio técnico do Rio de Janeiro. A pesquisa, cujo levantamento de campo, realizada com aplicação de questionários na escola, ocorreu em 2019, tem como principal objetivo verificar se os estudantes faziam uso de algum site ou plataforma que disponibilizasse conteúdos educativos, na forma de videoaulas<sup>4</sup>. Além disso, foi feito um mapeamento, uma descrição e a análise de alguns canais e de algumas videoaulas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Educação ProPEd/UERJ, professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. e-mail: [sergio.rocha@ifrj.edu.br](mailto:sergio.rocha@ifrj.edu.br).

<sup>3</sup> Doutora em Educação (PPGEUFF) e professora do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – ICESA da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. e-mail: [p.defreitas@hotmail.com](mailto:p.defreitas@hotmail.com)

<sup>4</sup> O projeto contou com a participação de duas bolsistas Alice Moura Araújo da Silva e Maria Luiza Reis de Castro na modalidade PIBIC JR/IFRJ, para alunos do ensino médio técnico.

A pesquisa é um desdobramento de questões que foram discutidas em projetos anteriores (2016/2017; 2017/2018; 2018/2019). Em todos os projetos a questão mais ampla foi a de buscar entender de que modo se estruturava a relação dos jovens estudantes, as tecnologias digitais de comunicação e informação (TIDCs), principalmente no que dizia respeito ao seu uso para a realização das atividades demandadas pela instituição escolar. (ROCHA e FREITAS, 2017, 2018)

A partir destas investigações tivemos oportunidade de conhecer melhor o contexto de uso de algumas tecnologias digitais de comunicação e informação por parte desses jovens, mesmo em um contexto no qual a instituição escolar não apresenta um projeto sistemático de sua incorporação. Assim, os estudantes relataram que utilizam uma série de aplicativos e programas para dar conta das atividades exigidas pela instituição escolar ou que estão de algum modo a ela relacionadas: aplicativos de conversação *online* para combinar a realização de trabalhos ou para tirar suas dúvidas, aplicativos para fazer pesquisas na internet, aplicativos de leitura para estudar a partir de material digital na forma de livros e apostilas.

Ainda que, ao pesquisar o cotidiano das escolas em que realizamos o nosso trabalho de campo, possamos nos deparar com um discurso, mesmo por parte dos alunos, sobre o uso limitado ou pouco significativo pela instituição escolar dos recursos relacionadas à internet, não há dúvidas de que os estudantes tem usado recorrentemente os recursos disponíveis na internet para dar conta de atividades escolares.

Tabela 1 – Alunos de Escola Urbanas, Uso de Internet em Atividades Escolares

Participar de cursos	16
Fazer provas ou simulados	24
Divulgar na Internet o próprio trabalho da escola ou um trabalho realizado em grupo	25
Falar com o professor	28
Usar a Internet para fazer apresentações para os colegas de classe	46
Usar a Internet para aprender um idioma	58
Jogar jogos educativos	60
Fazer trabalhos escolares a distância	65
Fazer lição e exercícios que o professor passa	69
Usar a Internet para estudar para uma prova	74
Fazer pesquisas sobre o que os professores falam nas aulas	76
Realizar trabalhos em grupo	77
Fazer trabalhos sobre um tema	82
Fazer pesquisa para a escola	85

Fonte: CGI.BR/NIC.BR, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br)

A pesquisa TIC Educação (CETIC, 2019) apresenta alguns dados significativos a este respeito. Observamos que a partir do descritor “Jogar jogos educativos” temos uma

média de 60% de acesso dos alunos, chegando a 84% no descritor “Fazer pesquisa para a escola”. Estes dados indicam um percentual significativo de jovens se utilizando da internet para realizar atividades escolares. Além dos usos que aparecem na tabela 1 relativos às atividades relacionadas à escola, na mesma pesquisa, 91% dos alunos entrevistados afirma que o acesso à Internet ajuda a que eles aprendam coisas que fazem com que seu desempenho escolar melhore e 94% afirma que este acesso ajuda a fazer coisas que antes tinham dificuldade de realizar. E, para finalizar, 77% dos alunos dizem que aprendem assistindo vídeos e tutoriais na Internet. Esses dados, em que pesem ainda fatores de exclusão do acesso em nosso país, indicam uma tendência de interseção entre o acesso dos alunos aos conteúdos digitais e as demandas da instituição escolar. Isto mesmo sem que exista em muitas das escolas, como a que objeto desta pesquisa, qualquer ação institucional no sentido de que este uso seja incluído como parte do planejamento.

Se comparamos outras atividades que ocupam o tempo dos estudantes com as atividades de cunho escolar também podemos observar questões interessantes. Vejamos a tabela abaixo relativa à mesma pesquisa.

Tabela 2 – Alunos de escolas urbanas, atividades realizadas na internet, nos últimos três meses  
Total de alunos que estudam em escolas urbanas e usuários de Internet (%) (2019)

<b>Criação de conteúdos</b>	Postou na Internet um texto, imagem ou vídeo que fez	45
	Criou um jogo, aplicativo ou programa de computador	10
<b>Acesso à informação</b>	Leu um livro, um resumo ou um e-book na Internet	58
	Leu ou assistiu notícias na Internet	79
	Assistiu vídeos, programas, filmes ou séries na Internet	<b>94</b>
<b>Comunicação</b>	Compartilhou na Internet um texto, imagem ou vídeo	65
	Usou redes sociais	81
	Mandou mensagens por meio de aplicativos	89
<b>Buscas e pesquisas</b>	Usou mapas na Internet	57
	Pesquisou coisas na Internet por curiosidade ou por vontade própria	86
<b>Atividades de aprendizagem</b>	Usou a Internet para ensinar outras pessoas a fazer algo (jogar um jogo, usar aplicativos, consertar coisas)	72
	Usou a Internet para aprender a fazer algo que não sabia ou que sentia dificuldade em fazer	88
	Pesquisou coisas na Internet para fazer trabalhos escolares	<b>93</b>

Fonte: CGI.BR/NIC.BR, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br)

O acesso à Internet para dar conta de alguma atividade escolar atinge um percentual de 93% muito próximos dos 94% relativos ao consumo de vídeos, programas, filmes e séries. Podemos ainda supor que outras atividades que são descritas nesta tabela passam pela mediação da experiência do jovem na escola, por exemplo: “ler um livro, ou um resumo”, “mandou mensagens por meio de aplicativos” e “usou mapas”. Os dados

---

destas tabelas servem para estimular uma reflexão sobre o intenso uso por nossos alunos dos conteúdos da rede relacionados às atividades e exigências da escola.

Este uso que os jovens fazem ao acessar estes conteúdos digitais, podem nos remeter as reflexões de Levy ao falar das mutações que estavam ocorrendo no mundo do saber, mutações estas que deveriam ser compreendidas e preceder qualquer reflexão sobre o futuro dos sistemas de educação. Na ocasião, ele caracterizou esta mutação a partir de três elementos relacionados: a velocidade de surgimento e renovação do saber, as novas relações entre trabalho e conhecimento e a constituição de novas “tecnologias intelectuais” que modificam várias funções cognitivas humanas. (LEVY, 1999, p. 157).

São estas “tecnologias intelectuais” que fornecem novas formas de acesso à informação e novos estilos de raciocínio que vão se materializando em documentos e programas disponíveis na rede, de fácil acesso. É neste ponto que autor, ao chamar atenção para duas grandes reformas necessárias no sistema de educação e formação, cita que neste processo a escola e a universidade perderiam progressivamente seu monopólio de criação e transmissão do conhecimento, tendo de ajustar sua rota para outro caminho. (LEVY, 1999, p.158)

Em um sentido semelhante, mas já com uma perspectiva das novas e rápidas modificações no mundo das tecnologias e de seus usos, Martín-Barbero também fará referência mais específicas sobre de que modo as transformações da relação dos jovens com as tecnologias alteraram profundamente a relação com a escola e seu modo de organização, o que ele classifica como “descentramento”.

Martín-Barbero (2014) chama a atenção para o fato de que nos dias de hoje o conhecimento não se encontra limitado aos muros da escola e às tradicionais figuras de autoridade como o livro ou o professor. Neste sentido vivemos em uma cidade educativa como afirma este mesmo autor.

(...) a educação já não é concebível a partir de um modelo de comunicação escolar que se encontra ultrapassado tanto espacial como temporalmente por processos de formação correspondentes a uma era informacional na qual “a idade para aprender são todas”, e o lugar para estudar pode ser qualquer um (...). Estamos passando de uma sociedade com sistema educativo para uma sociedade do conhecimento e aprendizagem contínua, isto é, sociedade cuja dimensão educativa atravessa tudo: o trabalho, o lazer, o escritório e a casa, a saúde e a velhice. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 121)

Como afirma este mesmo autor, o desenvolvimento de novas formas de acesso à informação descentra os antigos espaços e figuras de saber. A escola reconhecida como

espaço físico específico cuja função era a condução do processo de ensino-aprendizado deixa de ser o único local nos quais nossos jovens hoje podem aprender. Há hoje outros lugares que, ainda que não tenham materialidade, e, talvez por isso mesmo, estão cada vez mais presentes nas vidas de nossos jovens. O professor também exerce seu ofício na atualidade em meio a uma multiplicidade de outras figuras cujo reconhecimento por parte dos jovens se dá de modo muito intenso, conferindo-lhes autoridade em diferentes campos do conhecimento alguns dos quais eram antes de estrita competência dos professores.

Entre estes “espaços” fora da escola há uma grande quantidade de sites que oferecem conteúdos variados. Em alguns são ofertados conteúdos que tradicionalmente estão associados aos conteúdos formais escolares. Há muitos outros, entretanto, que podem ter a sua razão de ser ligada a divulgações de diferentes temas, incluindo aí aqueles relacionados ao entretenimento.

Como será que nossos alunos estão acessando e lidando com este conteúdo? Quais são os mais seguidos? Eles estabelecem alguma distinção que lhes permita pensar de que forma eles aprenderam hoje? Qual a motivação para acessar estes sites e plataformas? E em termos educativos, quais os sites e plataformas que eles buscam? Eles buscam aprender de modo autônomo temas livres, fora daqueles definidos pela escola? Há aqui um conjunto interessante de questões algumas das quais o projeto tentou responder.

Neste texto o foco da análise serão as questões relativas às videoaulas que os alunos acessam. Eventualmente outras questões poderão ser trazidas para complementar estas análises.

## **A pesquisa**

Nossa pesquisa foi realizada com um grupo de estudantes de uma escola pública de ensino médio técnico do Rio de Janeiro, no ano de 2019. O método utilizado foi a aplicação de um questionário constituído por um conjunto de questões fechadas e abertas. Foram entrevistados 88 estudantes com idade entre 15 e 22 anos de idade. Em valores aproximados, 52% dos entrevistados se identificou com o gênero masculino, 47% com o gênero feminino e 1% com outros gêneros.

Em relação aos dados sobre as plataformas ou sites acessados, com base nas respostas foi montada uma tabela com as repostas dos alunos. Todos os conteúdos citados estavam na plataforma de compartilhamento de vídeos Youtube. Foi então realizado um levantamento nestes canais para verificar a descrição dada na plataforma pelo proprietário

---

do canal, a quantidade de vídeos que nele estavam postados, sua data da inscrição no Youtube, a quantidade de vezes que foi citado pelos alunos, quais as disciplinas que nele tinham conteúdos trabalhados, o número inscritos, o número de visualizações.

A partir deste levantamento optamos por escolher oitos canais mais citados pelos alunos. A partir deste recorte inicial, escolhemos de modo aleatório uma videoaula de cada um destes 8 canais, para assisti-las e estabelecermos alguns parâmetros básicos de análise. Foram definidas, então, os seguintes critérios para a análise das videoaulas: número específico de visualizações, duração, tipo de enquadramento, os recursos visuais e sonoros, cenário, linguagem utilizada, a presença ou não de resolução de exercícios, a existência de algum tipo de publicidade.

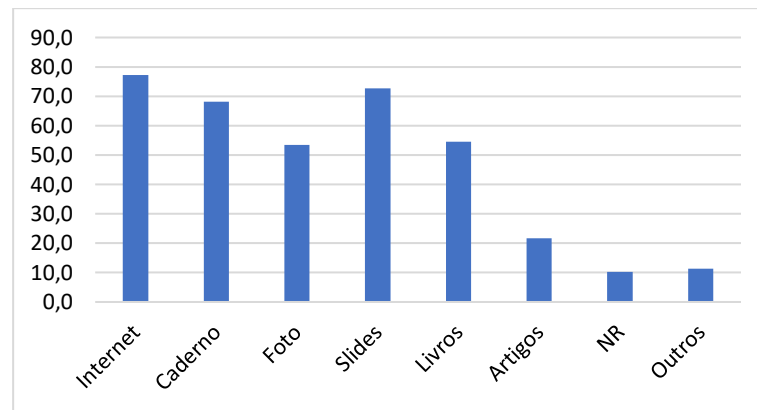
Depois disso estabelecemos um novo recorte. Selecionamos dentre os oito canais mais citados pelos alunos, seis canais para fazermos uma análise mais aprofundada de duas de suas vídeo aulas, escolhidas de modo aleatório.

### **Refletindo sobre os achados da pesquisa**

Tabulados os dados aproximadamente 91% dos estudantes afirma que estuda fora do horário escolar. No gráfico 1 observamos o material/suporte mais utilizados. Entre eles o acesso à internet possui o percentual mais elevado. Outros elementos da cultura digital como os slides de programas de apresentação e as fotos das anotações de aula que o professor faz na lousa feitas com o celular também estão presentes. Mas ao mesmo tempo, podemos ver que eles convivem com o uso de caderno e dos livros impressos. No caso específico desta instituição escolar não existe um projeto que inclua a discussão sobre o acesso e o uso dos conteúdos digitais ou mesmo espaço no planejamento das disciplinas para a inclusão de uma discussão sobre os temas a ele relacionados. Mas, como observamos, isto não impede que se faça um uso intendo destes conteúdos.

Este acesso ocorre inclusive durante os deslocamentos dos estudantes até à escola. Quando questionados sobre este consumo aproximadamente 88% dos estudantes responderam que consumiam produtos digitais no caminho até a escola. Neste grupo, quando perguntados sobre se este consumo em algum momento tinha relação com as atividades escolares, em valores aproximados, 43% dos alunos afirmaram que às vezes sim, enquanto 40% afirmaram que consomem apenas em dias de provas/trabalhos, 9% não consomem e 7% sempre consomem.

Gráfico 1 – Suportes usados para estudo %



Fonte: Dados da Pesquisa.

Não foi objeto desta pesquisa centrar seu interesse nestes processos relacionados ao trânsito dos alunos. Mas chama a atenção a possibilidade trazida pelos modernos smartphones de atuar como dispositivos de armazenamento de material diverso, incluindo aí conteúdos escolares, textos de apostilas, fotos de lousas, de slides de aulas, PDF de livros, que acompanham o seu deslocamento pelo espaço urbano. Ao mesmo tempo, quando conectados à rede móvel, estes aparelhos permitem o contato em tempo real entre os estudantes para discutir aspectos também relacionados à escola ou mesmo o acesso aos conteúdos na internet, configurando assim novas modalidades de acesso ao conhecimento fora do espaço escolar.

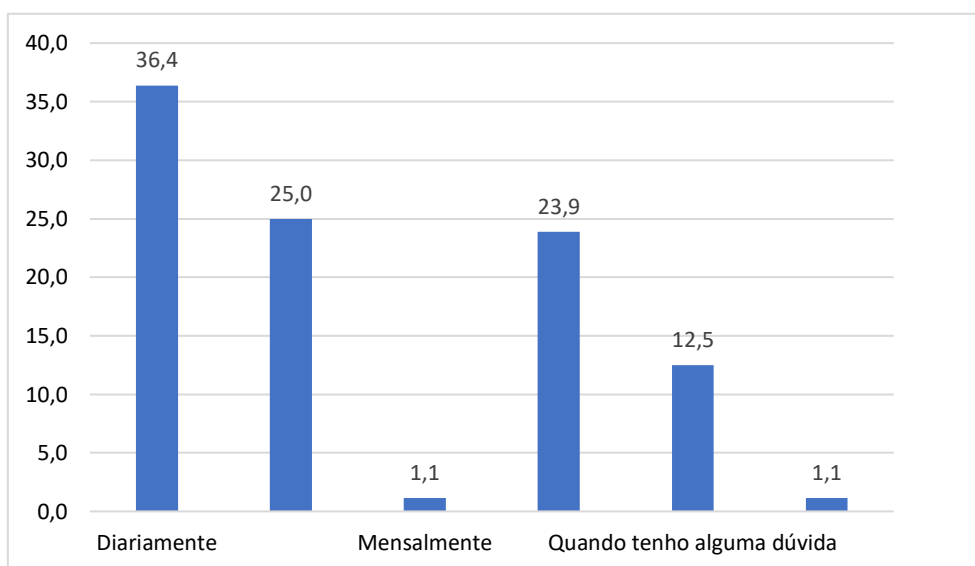
O fato do celular estar constantemente *online* acentua ainda mais a sensação de relação entre o mundo digital proporcionado pelo acesso à internet e outras esferas da vida, deixando de ser um mundo destacado que pode ser entendido, como fora outrora, a partir da dicotomia vida real x vida virtual. “A internet é uma extensão da vida tal como é, em todas as suas dimensões e modalidades (...) são as vidas reais, (incluindo as vidas reais *online*) são as que determinam e definem o modelo de interação *online* (CASTELLS, 2007.p 147)

Aqui cabe lembrar as reflexões de Santaella sobre os múltiplos e combinados processo de mobilidade, o que autora denomina de hiper mobilidade. Um processo de uma à cada vez mais intensa mobilidade dos corpos dos indivíduos pelo espaço urbano à mobilidade virtual pelas redes telemáticas. Os celulares permitem o entrelaçamento destas duas formas de mobilidade (SANTAELLA, 2007; p. 155-187).

A mesma autora chama a atenção para as modificações cognitivas que este processo traz consigo. Por exemplo, o indivíduo quando inserido no espaço de

hipermobilidade, se torna um leitor ubíquo, o qual é capaz de transitar entre o mundo digital e o físico, pois ele está continuamente em contato com esses dois universos e atinge um perfil cognitivo que se adaptou a esse nível de conectividade (SANTAELLA, 2019, p. 2019). Um leitor que agrega as características do leitor movente – a habilidade de ler enquanto transita no espaço físico – com as do imersivo - a habilidade cognitiva de mergulhar no ciberespaço sem se desprender do mundo offline. Estas modificações tensionam as práticas escolares de diversas formas.

Gráfico 2 - Frequência de acesso às plataformas digitais para estudar



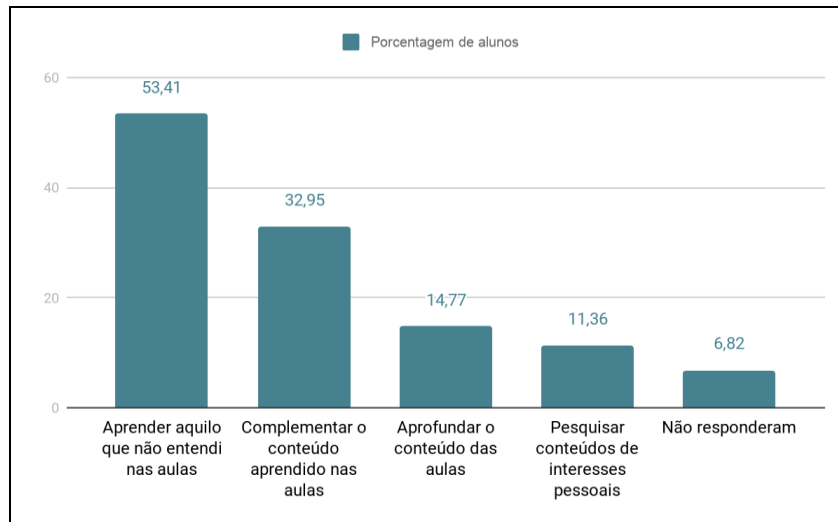
**Fonte:** Dados da pesquisa.

Em relação às plataformas que os alunos buscavam para realizar atividades relacionadas à escola, em valores aproximados, 80% dos alunos recorriam a sites didáticos e às videoaulas, sendo que destes 6% recorrem apenas às videoaulas e 6% utilizam apenas sites didáticos. A frequência com que estes alunos buscavam estes conteúdos pode ser observado no gráfico 2.

A partir das respostas obtidas, observamos mais uma vez como que os conteúdos digitais têm feito parte do cotidiano dos jovens estudantes na sua relação com a instituição escolar. Aproximadamente 36% dos estudantes acessam a internet diariamente para conseguir dar conta de alguma demanda relativa à escola. Outros 25% acessam semanalmente. As repostas restantes já nos indicam também que estes acessos para estudo são feitos a partir de sua relação com as demandas da escola. Isto fica mais perceptível ao vermos que aproximadamente 24% buscam conteúdos para dar conta das avaliações da escola e outros 12,5% quando tenho dúvida.



Gráfico 3 - Principal motivo para recorrer a sites didáticos e/ou videoaulas na internet



Fonte: Dados da pesquisa.

Através da leitura do gráfico 3, ganha corpo a ideia do caráter complementar que o acesso a estas plataformas possui. As opções “Complementar o conteúdo estudado nas aulas”, “Aprender aquilo que não entendi na aula” e “Aprofundar os conteúdos das aulas” somadas, são as que mais são citadas pelos alunos comparando-se por exemplo com “Pesquisar conteúdos de interesse pessoal”. Ainda que os alunos tenham feito referências a outros sites e a busca por outros conteúdos que não tem relação direta com a escola<sup>5</sup>, parece que precisamos estabelecer metodologias de pesquisa para melhor conhecer esta relação com alguns conteúdos específicos que são buscados pelos alunos que são mobilizados por sua vivência na instituição escolar.

É interessante perceber que para o grupo pesquisado esta relação aparece indicar uma complementariedade e, ao mesmo tempo, aponta para a centralidade da escola na conformação de um certo tipo de uso dos conteúdos disponíveis na rede pelos jovens. Assim, temos de pensar de modo mais complexo algumas das indicações de Martín-Barbero de que a escola perde a sua centralidade no momento em que o acesso aos conteúdos esta disponibilidade do de modo fácil para todos em qualquer lugar.

Se os alunos buscam estas vídeo aulas qual seriam a diferença entre elas e as aulas presenciais? Separamos as falas pelos temas que elas abordam e estabelecemos algumas categorias pra agrupá-las. A tabela 3 apresenta as categorias bem como algumas falas que são representativas de cada uma delas.

<sup>5</sup> Quando perguntamos aos estudantes se “Além da finalidade de estudo, você acompanha regularmente algum site e/ou canal de vídeo?”, 67% afirmaram que sim.

Tabela 3. Aulas presenciais versus videoaulas: as falas dos alunos

Categoria	Citações	Falas representativas
Comodidade	6	“O fato de estar em casa me deixa mais tranquilo e auxilia no aprendizado.” "Consigo possuir mais foco"
Flexibilidade de horário	37	"A vídeo aula pode ser assistida diversas vezes, caso o conteúdo não fique claro. Além disso, é possível pausar quando necessário, o que nem sempre ocorre nas aulas presenciais" "É possível assistir as vídeo aulas em qualquer momento.”
Disponibilidade de dúvida	16	"Nas aulas presenciais eu posso tirar dúvidas e ter discussões com o professor e meus colegas, já nas videoaulas isso não é possível" “Quando você tem contato com o professor é diferente. Ele está disponível para tirar dúvidas, explicar de outras maneiras.”
Interação humana	11	"A interação aluno-professor que vem com uma aula presencial" “Nas videoaulas é tudo muito mecânico, você assiste o vídeo e pausar quando quiser. Na presencial, você tem o contato com as outras pessoas.”
Conteúdo	33	“As aulas presenciais possuem uma carga de conteúdo maior e mais explicada, enquanto as videoaulas dão um resumo.” “Pois as vídeo aulas possuem uma linguagem mais objetiva e dinâmica o que não acontece, em sua maioria, em sala de aula.”

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Se os alunos buscam estas vídeo aulas qual seriam a diferença entre elas e as aulas presenciais? Separamos as falas pelos temas que elas abordam e estabelecemos algumas categorias para agrupá-las. A tabela 4 apresenta as categorias bem como algumas falas que são representativas de cada uma delas.

Uma das questões recorrentes nas repostas foi a referência à “flexibilidade de horário”, que torna possível ao estudante estudar a qualquer horário. Também dentro dessa flexibilidade, estão ferramentas técnicas que podem ser utilizadas para melhor uso do tempo ao assistir conteúdos *online*, sendo elas; a possibilidade de acelerar a reprodução dos vídeos, pausar ou voltar a assistir partes específicas. Além disso, outra característica apontada foi a “comodidade”, descrita nas repostas como a possibilidade de assistir às aulas em um lugar confortável, tal como na própria casa<sup>6</sup>.

Por outro lado, os alunos também apontam fatores que na opinião deles são característicos apenas das aulas presenciais, tais como; disponibilidade do professor para tirar as dúvidas, pois como foi apontado pelos alunos, presencialmente o professor resolve

<sup>6</sup> Embora não tenha sido citada, este uso das videoaulas contrasta muitas vezes com a prática de tirar as dúvidas na aula presencial, já que muitos alunos se sentem inibidos de fazê-lo.

dúvidas na mesma hora e está à disposição para questionamentos. Enquanto na aula online não há essa disponibilidade<sup>7</sup>, e quando há, não é algo instantâneo.

Outro fator diferencial é o que os alunos denominam de “interação humana”, com o professor e colegas, que é proporcionada pelo ambiente escolar. Até o presente momento da pesquisa não nos aprofundamos nesta questão. Mas é bom assinalar que é necessário aprofundá-la, superando a dicotomia entre presencial/interativo x virtual/não interativo ou vice e versa. A ideia de maior ou menos interação também é complexa. Neste sentido pensar nos graus de interatividade de uma mídia ou de um dispositivo nos termos de Levy, nos parece um bom começo<sup>8</sup>.

Por fim, em relação ao conteúdo, as opiniões ficaram divididas. Alguns alunos afirmaram que nas aulas presenciais o conteúdo é ministrado de forma densa e aprofundada. Já outros opinaram dizendo que nas aulas online, o conteúdo é apresentado de modo objetivo e dinamicamente diferenciado, através de recursos tecnológicos<sup>9</sup>.

### **Sobre as Vídeo aulas**

A partir do levantamento sobre os canais citados verificamos que em valores aproximados, 41% dos canais citados abordam disciplinas da área da Matemática e suas Tecnologias, enquanto 16% tinham como foco a área das Ciências Humanas e suas Tecnologias e 9% trabalhavam especificamente as ciências biológicas. Além desses, 34% canais abordavam um conjunto de disciplinas, funcionando como um pré-vestibular ou preparatório para ENEM. Muitos deles apresentavam uma versão paga, disponível em outro espaço virtual.

Analisando-se a carga horária das diferentes disciplinas com base na matriz curricular da escola em questão, é possível aventar uma explicação para esta procura pela área de ciências exatas. O levantamento mostra que a carga horária das disciplinas das áreas Códigos, Linguagens e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias é

---

<sup>7</sup> Durante o período do acesso as aulas para a análise da pesquisa as únicas possibilidades de participação pelos estudantes eram nas aulas ao vivo, através do chat. Mesmo assim estas eram muito raras. Os alunos também podiam deixar na parte dos comentários questões sobre as aulas gravadas disponibilizadas na plataforma, mas o fluxo das respostas é muito reduzido.

<sup>8</sup> Levi aponta alguns eixos para avaliar os diferentes graus de interatividade: a possibilidade de apropriação e de personalização da mensagem recebida, a reciprocidade da comunicação, a virtualidade, a implicação da imagem dos participantes nas mensagens e a telepresença (LEVI, 1999, p. 82).

<sup>9</sup> Em relação a este ponto ao analisar as videoaulas observamos uma grande variedade de modalidades. Algumas usavam recursos vídeos, lousas virtuais, enquanto em outras havia simplesmente um professor flando ao lado de uma lousa tradicional que já apresentava conteúdos manuscritos.

---

bem menor do que as disciplinas do eixo técnico, deixando estas últimas em posição de destaque e no centro das preocupações dos estudantes.

Dos 32 canais citados, 16 contavam com mais de 38,4 mil inscritos e 13 possuíam mais de um milhão. O canal Descomplica, por exemplo (canal mais citado), estava na margem de 2.99 milhões de inscritos. Considerando que esses são canais de cunho educacional e foram contabilizados apenas os inscritos do YouTube (desconsiderando plataformas pagas), à primeira vista, pode-se dizer que são números significativos. Para se ter uma ideia do volume de acessos a este canal podemos comparar com o total de jovens de acordo com o censo demográfico do IBGE de 2010 (IBGE, 2010), 16 milhões 990 mil e 872 indivíduos na faixa etária de 15 a 19 anos. Percebe-se que a quantidade de inscritos do canal mais citado corresponde a 17,6% dos jovens do Brasil.<sup>10</sup>

Tal fato deve ser relativizado quando comparado aos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua – PNAD Contínua de 2018 (IBGE, 2018), na qual os dados apontam que 1 a cada 4 brasileiros não utilizam a internet, no período de referência da pesquisa (2018). Assim sendo, a utilização de aulas online como única modalidade de ensino, deve ser sempre problematizada a partir de uma reflexão sobre os diferentes obstáculos materiais que impedem o acesso de muitos indivíduos à internet juntamente com questões relativas ao contexto de uso. Como exemplo podemos citar: o acesso apenas por celular que traz sérios limites a busca e uso de informação; habitar uma casa com poucos cômodos e com muitos moradores, o que limita a possibilidade de concentração em atividades que exigem maior atenção; o gênero do usuário, estando as mulheres envolvidas com as atividades relativas ao trabalho doméstico além de todas as outras dimensões da vida. Estas são algumas questões que devem ser pensadas em conjunto com as reflexões sobre as modalidades de ensino à distância.

Outro critério verificado, a partir da listagem dos 32 canais, foi a presença de serviços pagos. Observamos que em aproximadamente 56% dos canais há essa opção. Geralmente, nessas plataformas pagas são oferecidos materiais de aprofundamento, sendo essas aulas mais longas e com mais exercícios. Em alguns casos, também há a opção de monitorias e correção de redação, permitindo alguma interação entre os estudantes e a plataforma.

---

<sup>10</sup> Aqui o exemplo é apenas para dar uma ideia do volume de acessos. Muitos jovens que podem acessar o canal podem, por exemplo, estar fora da faixa etária apontada pelos dados do censo.

Como já dissemos após uma primeira incursão nas videoaulas, dos 8 canais mais citados, nos dedicamos a analisar de forma mais aprofundada seis canais para terem duas aulas analisadas. Foram selecionados aqueles com mais citações e diferentes entre si; um com disciplinas variadas, um de exatas, um de biológicas, um de humanas e o único de cunho social nacional citado, eles podem ser observados na tabela 4:

Tabela 4. Tema da aula analisada nos canais citados<sup>11</sup>

Canal	Título da aula/Tema	Duração
Descomplica (Curso privado)	O que são vírus e viroses	1h 24min
Descomplica (Youtube)	O que são vírus e viroses	21:16
	Darwinismo, Criacionismo E Lamarckismo   Evidências Da Evolução	11:01
Biologia Total com prof. Jubilut	Ponto de Compensação Luminosa (PCL)	21:22
	Introdução à genética	22:25
Professor Ferreto	Progressão Aritmética PA: Introdução (aula 1 de 6)	11:17
	Geometria Plana: Introdução - Ângulos (Aula 1)	34:58
Deborah Aladim	Resumo de História: Ditadura Militar	19:31
	Resumo de História: Inconfidência Mineira e Tiradentes - em Ouro Preto, MG	11:18
Aula De	Matemática financeira: juros - conceitos e aplicações	10:50
	Progressão Aritmética (PA)	4:50
Se liga nessa história	Revolta dos Emboabas - Revoltas Nativistas	14:50
	Ditadura Militar   Resumo	18:46

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Durante a análise dos vídeos, pode-se observar que no critério “enquadramento” todos os canais se assemelhavam, variando entre primeiro plano e meio primeiro plano. O cenário também seguia um padrão, sendo fundos estáticos ou quadros (às vezes interativos) que o professor utilizava durante a aula. Em relação aos recursos visuais, foi recorrente a utilização de imagens e textos sobrepostos ao vídeo, esses recursos carregavam dicas, observações, infográficos e/ou imagens ilustrativas. Em um pouco mais da metade das aulas, havia resolução de exercícios, porém a maior parte do vídeo era focada na exposição e explicação de conceitos. Também foi observada a recorrente aparição de propagandas geradas pelo próprio YouTube, antes do início do vídeo ou depois de cerca de cinco minutos de exibição, porém, em quatro canais dos que possuem planos pagos, havia propagandas destas modalidades por eles oferecidas.

O Descomplica, por exemplo, canal mais citado entre os alunos, possui uma plataforma com curso pago, além do canal gratuito no Youtube. Devido à disponibilidade

<sup>11</sup> Dados referentes aos dias de captura: 11/05/2020 e 12/05/2020.

---

de acesso ao curso pago por meio de um dos membros da pesquisa, foi possível averiguar as diferenças de um mesmo conteúdo (O que são vírus e viroses? – Tabela 4) apresentado nas duas modalidades, paga e gratuita. Na modalidade paga essa aula possuía duração de 1 hora e 24 minutos, enquanto no Youtube possuía apenas 21:16 minutos. Neste caso, em ambas houve disponibilidade de tirar dúvidas, embora isto tenha sido incomum durante o período de análise das videoaulas assistidas em nossa pesquisa. Em relação aos recursos sonoros e visuais nas aulas, a plataforma paga não apresentava nenhum diferencial, entretanto, no curso pago há outras ferramentas para auxiliar no aprendizado, como monitorias, planos de estudo, correção de redações, simulados, entre outras enquanto na modalidade gratuita a participação foi via chat.

### **Considerações Finais**

Sem esquecer as grandes disparidades de acesso de nossos estudantes à internet percebe-se que entre os jovens pesquisados as atividades demandadas pela escola são cada vez mais realizados na interseção com os conteúdos disponibilizados na rede.

Mesmo no caso restrito do universo pesquisado, com um uso relativamente intenso por parte dos alunos das possibilidades da internet para a realização de atividades e demandas da escola, percebe-se uma relação de complementariedade entre ambas. Fica indicado na verdade, a centralidade da escola, na medida em que é a partir da vivência dos jovens nesta instituição que são definidos uma parte importante dos conteúdos que eles acessam. Assim, mesmo com o contexto da possibilidade de que os itinerários de aquisição de conhecimento sejam feitos em diferentes espaços e tempos, parece que em alguns deles a escola ainda faz valer a sua influência, mesmo que indireta.

Com o contexto da pandemia outras reflexões devem ser feitas a partir das indicações aqui encontradas. Ao mesmo para o perfil de público pesquisado seria difícil pensar na eficácia de um modelo de escolarização restrito às atividades virtuais, não presenciais. Para estes jovens o que confere significado ao acesso às redes é a vivência no mundo escolar, existindo, como já apontamos, certa complementariedade entre elas. O que fica perceptível na forma pela qual os estudantes definem o que entendem por interatividade, que se manifesta no diálogo em sala de aula, no estar na presença de amigos e professores e no próprio ambiente escolar.

As indicações aqui feitas chamam a nossa atenção para a necessidade de novas pesquisas sobre esta temática. Agora neste contexto de pandemia estas pesquisas são

---

ainda mais necessárias e temos nos dedicado a manter a interlocução com esses estudantes e neste novo contexto temos utilizado as técnicas de aplicação de questionários virtuais e a realização de grupos focais online é uma ação que estamos nos dedicando para refletir sobre como os jovens de diferentes realidades socio econômicas estão vivenciando seus processos educativos e de lazer neste novo cenário.

### **Referências Bibliográficas**

CASTELLS. Manuel. **A galáxia Internet**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

CETIC. **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas escolas brasileiras**, 2017. Disponível em [http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC\\_EDU&idUnidadeAnalise=Aluno&ano=2017](http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC_EDU&idUnidadeAnalise=Aluno&ano=2017) . Acesso em 10 abr. 2019.

IBGE, 2010. **Distribuição da População por sexo segundo os grupos de idade – Brasil – 2010**. Disponível em: <<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/populacao-por-sexo-e-grupo-de-idade-2010.html>>. Acesso em: 20 de julho de 2020

IBGE, 2018. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=27138&t=sobre>>. Acesso em: 19 de julho de 2020

LEVY, Pierry. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34. 1999.

MARTIN-BABERO, Jesus. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

ROCHA, Sérgio L.A. e FREITAS, Patricia O. Os Jovens, as Tecnologias e as suas Relações com o Universo Escolar: Primeiras Aproximações. In: **Anais do XL Intercom**. Curitiba. São Paulo: 2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017>. Acesso em: 10, set, 2020.

\_\_\_\_\_. Uma reflexão sobre as relações entre os jovens, a escola e os usos das tecnologias. In: **Anais 41º Intercom**, Joinville. São Paulo: Intercom, 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018>. Acesso em: 10, set, 2020.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da hipermobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Papyrus, 2013.

\_\_\_\_\_. O livro como prótese reflexiva. **MATRIZES**, v. 13, n. 3, p. 21-35, dez. 2019.